

EDITORIAL

AUTOEVOLUÇÃO

A evolutividade é um dos princípios da Conscienciologia e um dos componentes-chave do paradigma consciencial. O objeto da Conscienciologia é a consciência integral: o sujeito que se manifesta em diversos corpos, teve múltiplas existências e interage em múltiplas dimensões. No entanto, tudo isso é atravessado e norteado pela evolução, o processo incessante de transformação e complexificação da consciência.

A teoria biológica da evolução é muito conhecida e remonta a nomes como Charles Darwin e Alfred Russel Wallace. As espécies vão surgindo, modificando-se e desaparecendo ao longo do tempo em função da aptidão à sobrevivência. A ausência de finalidade ou *télos* no conceito de evolução tem sido desafiante às mentes dogmáticas desde sua proposição. A teoria da evolução explica por que o universo não precisa de uma intenção divina para ter forma, estrutura e funcionamento (*design*). Nesse paradigma, a consciência seria uma vantagem evolutiva do sistema nervoso humano. Trata-se de explicar de que modo a consciência surge da matéria viva – o tecido nervoso.

Por outro lado, também não se trata aqui de determinado conceito de evolução convenientemente utilizado na colonização do hemisfério sul do planeta. O conceito de evolução da consciência proposto pela Conscienciologia difere do conceito clássico, biológico, porque não pressupõe uma ontologia materialista. Ao admitir a realidade das experiências parapsíquicas e de seu caráter potencialmente racional, não aceita reduzir a consciência à matéria. A consciência aprende a dinamizar a própria evolução de modo multiexistencial, holossomático e multi-dimensional, ou seja, aprende a autoevoluir. Eis o grande diferencial em comparação com abordagens materialistas.

O presente número da Interparadigmas inclui diversos estudos sobre a evolução da consciência proposta pela Conscienciologia, sob diversas perspectivas disciplinares.

O primeiro artigo, de Denise Rocha, apresenta reflexões, com base em dados quantitativos, sobre a contribuição das projeções ou experiências fora do corpo para a evolução da consciência em relação à dessora.

O artigo de Lygia Decker chama atenção à importância do tempo e do espaço para a otimização do processo evolutivo da consciência. Estuda-se o caso da Cognópolis Foz do Iguaçu.

Renata Peixoto Oliveira faz em seu artigo propostas originais para o estudo do holocarma das nações, com o conceito de debate paradecolonial aplicado à América Latina.

O artigo de Luciano Melo apresenta e sistematiza modelo teórico de escala evolutiva de regimes políticos e parapolíticos, com ênfase nas condições necessárias e suficientes à conscienciocracia.

O ensaio de Diana Araujo Pereira propõe o conceito de automediação, visando entrelaçar e convergir os processos formativos pessoal e acadêmico, valorizando toda a gama experiencial vivenciada.

Adriana Kauati apresenta estudo de caso autoevolutivo aplicando o Diagrama de Transição Autoparadigmática (DTA).

O artigo de Inês Terezinha do Rego propõe uma metodologia de autopesquisa evolutiva mediante a análise de publicações pessoais, destacando o processo de superação do antigo perfil religioso.

Ótimas reflexões interparadigmáticas!

Alexandre Zaslavsky
Editor-chefe